PERSPECTIVA
REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Volume 44, n. 2 – p. 01-05, jan./mar. 2026 – Florianópolis
ISSNe 2175-795X

Insubordinações criativas e movimentos sociais nas encruzilhadas das Educações Matemáticas: por uma virada ética

"Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje"
Ditado popular

O conceito de insubordinação criativa surge na literatura da área de Educação na década de 1980 na cidade de Chicago quando pesquisadores investigaram as quebras de regras de diretores de escola em relação às instâncias superiores, com o objetivo de diluir os efeitos desumanizantes de ordens autoritárias e impessoais, principalmente em prol dos professores e estudantes.

No Brasil este conceito começa a ser utilizado em 2014 pelas professoras Beatriz Silva D´Ambrosio e Celi Espasandin Lopes em suas pesquisas em Educação Matemática, quando publicam o primeiro livro da coleção Insubordinação Criativa, pela Editora Mercado de Letras (D´Ambrosio, Lopes, 2014). As insubordinações criativas como fenômeno e conceito vem se consolidando com a realização de quatro congressos internacionais (ICOCIME – International Conference on Creative Insubordination in Mathematics Education) demonstrando-se como espaço de transgressão ao fazer científico eurocentrado e colonial.

Além de discutir as possibilidades das ações criativamente insubordinadas de gestores e professores, D'Ambrosio e Lopes (2015a), articulam o conceito com a perspectiva de formação humanista e crítica freireana, com foco em uma perspectiva equitativa de educações matemáticas, compromisso ético e transformação social. Nessa perspectiva, lançam foco sobre o fazer do pesquisador, ponderando sobre possibilidades de questionamentos diante de sua produção científica, que visa à ética e ao comprometimento com a qualidade de vida humana.

D'Ambrosio e Lopes (2015b) ponderam que a ousadia no fazer científico pode contribuir para promover uma formação humana que permita aos indivíduos uma ação social pautada na solidariedade e em princípios éticos. As pesquisas podem atender a um movimento em espiral, que propicie um repensar sobre o que está posto, uma ruptura com regras e normas, uma busca liberta e criativa por outros

http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2026.e100892

focos, enfoques e contextos. Nesse sentido, compreendemos as encruzilhadas em Educações Matemáticas, no plural, como estes espaços tempo espiralados, que potencializam as insubordinações criativas como transgressões pautadas em uma virada ética. Educações Matemáticas porque compreendemos que é possível se fazer Educação *com* a Matemática de múltiplas maneiras, espaços e perspectivas. Ética, por tomar como princípio de pesquisa o compromisso com o outro e encruzilhado, desde o seu sentido potente de bifurcação de outros caminhos científicos e de produção de saberes possíveis.

Assumir as encruzilhadas como princípio para as insubordinações criativas em Educações Matemáticas é decolonizar o fazer científico pautado unicamente no cognitivo, no acadêmico, no branco e europeu. Não se trata de negar a presença que a modernidade ocidental reivindica, mas destroná-la e desnudá-la, demonstrando que ela é tão parcial quanto as outras formas de saberes que tanto julga. Constitui-se como valoração dos saberes das ruas, dos movimentos sociais, das arruaças, das esquinas, dos sambas, dos batuques, das frestas e dos povos originários, assumindo a perspectiva do cruzo.

Cruzar pesquisas em Educações Matemáticas não se restringe a uma espécie de bricolagem, marcadamente branca e europeia, mas demanda um olhar para as frestas, as esquinas, os interstícios, as dobras e para as sobras viventes do projeto colonial de mortandade, focalizando pontos de fuga, quilombos e transgressões de regimes de verdade.

A virada ética conclamada entende o corpo em performance como produtor e detentor de saberes que se fazem nas margens, que rompem a monologia do mundo colonial e a sua ideia de pureza. O compromisso com o outro não é um compromisso em abstrato, mas o compromisso que se faz nos movimentos de pesquisa com corpos concretos que preambulam pelas esquinas e margens da vida assumindo a disponibilidade de novos rumos, como poéticas, práticas de invenção e afirmação da vida.

As encruzilhadas em Educações Matemáticas nos condicionam a olhar para horizontes credibilizando ambivalências, imprevisibilidades, atravessamentos, os não-ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, enfim, as possibilidades de mundo. A encruza é o “umbigo e também boca do mundo”.

Diante do exposto, convidamos pesquisadores da área de Educação Matemática a submeterem artigos como cruzos ético-político-epistêmicos de suas investigações e poéticas com o conceito de Insubordinação Criativa.

O artigo de **Línlya Sachs, Luiza Gabriela Razêra de Souza, Henrique Rizek Elias** e **Andrew Brantlinger** analisa aproximações e distanciamentos entre as insubordinações *sem terra*, vinculadas às ações do MST, e as insubordinações criativas na Educação e Educação Matemática. Fundamentado em uma pesquisa teórica, com base nos escritos de Gramsci, destaca a Educação do Campo e as Escolas Itinerantes como práticas de resistência ao modelo educacional hegemônico. Conclui que, embora ambas busquem transformar a realidade, as insubordinações criativas apresentam caráter individual, enquanto as insubordinações *sem terra* se constituem como ações coletivas de transformação social e educacional.

O artigo de **Celi Lopes** discute as relações entre desenvolvimento profissional contínuo, prática educativo-crítica freiriana e insubordinação criativa de professoras de Matemática. Fundamentado em duas pesquisas realizadas em escolas públicas, analisa narrativas docentes que evidenciam práticas pedagógicas pautadas na problematização e na criticidade. Destaca a colaboração e a reflexão coletiva como elementos fundamentais para a formação e (auto)formação docente. Conclui que a ampliação do conhecimento profissional favorece a ressignificação das práticas letivas, fortalecendo ações educativas críticas e criativamente insubordinadas.

O artigo de **Roberta Schnorr Buehring** e **Solange Aparecida Corrêa** apresenta experiências de duas pesquisas de doutorado em Educação Estatística, desenvolvidas com crianças e professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Fundamentado na pesquisa narrativa, destaca o compromisso ético e político de valorizar as vozes, experiências e subjetividades dos participantes, que são crianças. Evidencia a insubordinação criativa como possibilidade de romper com práticas tradicionais e hierarquizadas de investigação científica. Conclui que a pesquisa narrativa favorece uma postura mais sensível, empática e colaborativa, contribuindo para a compreensão da docência e da aprendizagem das crianças.

O artigo de **Melissa Andrade-Molina** discute a insubordinação criativa na Educação Matemática, articulando-a ao realismo agencial de Karen Barad e ao conceito de intra-ação. Propõe a noção de (des)ordem criativa para compreender processos de transformação das estruturas normativas e hierarquias presentes na sala

de aula. Argumenta que as mudanças pedagógicas emergem das relações entre sujeitos, saberes e materialidades, ultrapassando ações individuais dos professores. Conclui que essa perspectiva amplia as possibilidades de participação, construção coletiva do conhecimento matemático e promoção da justiça social.

O artigo de **Lucas Ramiro Talarico, Mônica da Silva Gallon** e **Suellen de Souza Lemonje** analisa narrativas de dois professores formadores sobre o Estágio Supervisionado na formação inicial docente, considerando os contextos brasileiro e espanhol. Fundamentado na investigação narrativa, evidencia aproximações e diferenças culturais, institucionais e pedagógicas entre as experiências formativas. Destaca a reflexão sobre a prática, a construção da identidade profissional, o acolhimento e o acompanhamento dos futuros professores. Conclui que o Estágio Supervisionado constitui um espaço de formação crítica e reflexiva, favorecendo a articulação entre escola e universidade e o desenvolvimento profissional docente.

O artigo de **Filipe Santos Fernandes**, **Carolina Tamayo** e **Rafael Antunes Machado** discute a Etnomatemática como campo de subversão, insurgência e resistência aos discursos hegemônicos no ensino, na formação docente e na pesquisa em Educação Matemática. Fundamentado em uma perspectiva intercultural crítica, problematiza estruturas de poder que subordinam saberes e práticas culturais. Destaca o reconhecimento de sujeitos e coletivos historicamente marginalizados como compromisso ético, político e epistêmico. Defende uma Educação Matemática pluriversal, que ultrapasse a inclusão de saberes subalternizados e promova transformações sociais, culturais e pedagógicas.

O artigo de **Jónata Ferreira de Moura** e **John Jamerson da Silva Brito** problematiza a invisibilização de estudantes LGBTQIA+ no contexto escolar e seus impactos na aprendizagem matemática e na formação docente. Fundamentado em uma pesquisa biográfico-narrativa, analisa narrativas autobiográficas de quatro estudantes de Pedagogia, sob a perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana. Evidencia práticas discriminatórias, preconceitos e sentimentos de inadequação produzidos pela cis-heteronormatividade no ambiente escolar. Defende uma Educação Matemática crítica e inclusiva, comprometida com o enfrentamento da LGBTfobia e a superação das injustiças e desigualdades educacionais.

O artigo de **Guilherme Wagner** e **Regina Célia Grando** investiga as insubordinações criativas na Educação Matemática a partir do diálogo intercultural entre Brasil e Timor-Leste, fundamentado em perspectivas decoloniais e anti-

imperialistas. Por meio da metáfora *neneik maun*, problematiza a temporalidade ocidental e os modelos pedagógicos eurocêntricos, valorizando a oralidade, a ancestralidade e a diversidade epistemológica. Analisa os impactos das políticas coloniais e neoliberais na educação timorense e as resistências que emergem desse contexto. Defende uma Educação Matemática *Nuestramericana*, crítica e emancipatória, sustentada pela transformação coletiva e pelo reconhecimento de diferentes saberes e temporalidades.

Assim, o conjunto de artigos que compõem esse dossiê, na maioria, são sistematizações a partir do III ICOCIME e envolvem os mais diversos ambientes educativos articulados a movimentos sociais que consideram a infância, a invisibilização causada pela heteronormatividade em corpos dissidentes, as ações insubordinadas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no movimento de formação de professores, dentro outros espaços que possibilitam reflexões teóricas que *ruminam* as insubordinações criativas nas pesquisas e práticas e *cospem* em práticas de educações matemáticas.

Organizadores

Regina Célia Grando (UFSC)

Guilherme Wagner (UFSC)

Celi Espasandin Lopes (UFMG)

Referências

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Trajetórias Profissionais de Educadoras Matemáticas**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema** [online]. 2015a, vol.29, n.51, p.1-17.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Creative Insubordination in Brazilian Mathematics Education Research**. Morrisville: Lulu, 2015b.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Creative Insubordination in **Brazilian Mathematics Education Research.Morrisville**: Lulu, 2015b.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.